BOAZ ANTONIO DE VASCONCELOS LOPES
Doutorando em Recursos Naturais – UFCG

RESUMO - O **objetivo** do artigo é disponibilizar informações da localização geográfica dos acessos de visitação do Jardim Botânico da Mata do Buraquinho. Usamos como **método de pesquisa** o levantamento documental, bibliográfico e presencial e critérios de **exposição de informação**: nome da trilha, localização, principais características da estação, espécie destaque, família da espécie e nome científico da espécie. Obtivemos como **resultado,** a descrição detalhada de 15 estações de acesso e contemplação.

ABSTRACT - The objective of the article is show information about geographical position of the accesses of visitation of the Jardim Botânico da Mata do Buraquinho. We used as method of researches the documental, bibliographical rising, witnesses and exhibition of information: name of the trail, location, main characteristics of the station, species highlights, family of the species and scientific name of the species, we obtained as results the detailed of 15 access stations description and contemplation.

Geo-espaço de acesso à Mata Atlântica do Buraquinho: um projeto sustentável

1. INTRODUÇÃO

Considera-se como área de Mata Atlântica um imenso território brasileiro abrangendo 17 estados, onde vivem cerca de 120 milhões de pessoas e vários tipos de ecossistemas: desde os mangues e restingas na faixa costeira, florestas na Serra do Mar, florestas de araucárias, campos de altitude e brejos interioranos no Nordeste.

A maior parte das cidades que interagem com esses ecossistemas tem seu abastecimento de água nesse exemplar de bioma, graças às nascentes, rios e reservatórios, cuja regularidade é dependente da conservação das áreas ribeirinhas, das encostas, declives, dos topos de morro, enfim da vegetação.

A Mata Atlântica é um dos biomas mais ricos em biodiversidade do mundo. Nela se encontra uma das maiores reservas de recursos naturais, materiais e visuais, o que leva essa mata ser tão ameaçada. Uma prova é que de sua vegetação original restam apenas 7%. Por isso, merece todos os cuidados e a atenção que faltaram ao longo de décadas de devastação.

A Mata Atlântica do Jardim Botânico de João Pessoa está localizada a 7º6'S e 34º52'W, a uma altitude média de 45m, na formação geológica do Baixo Planalto Costeiro, sendo uma legítima representante das florestas costeiras nordestinas brasileiras.

Com o intuito de protegê-la, o poder público fez a regulamentação de seu acesso pelo Decreto Estadual nº 21.264 de 28 de agosto de 2000, visando a sua exploração sustentável. Preservando, legalmente, uma área de aproximadamente 343,79 ha, sobre a gestão da Superintendência de Administração do Meio Ambiente – SUDEMA – PB. Dessa forma fica restrita a atividades que envolvam preservação, pesquisa científica, educação ambiental e laser contemplativo no contexto da educação ambiental.

A despeito das ações para o desenvolvimento dos trabalhos de educação ambiental dessa reserva, destaca-se o acompanhamento de grupos de visitação e seus coordenadores, por guardas florestais, a partir da implantação de várias trilhas ambientais e estações temáticas.

Esperamos, com esse trabalho, contribuir com um conjunto de detalhe, identificação e posicionamento dos meios de acesso que permitam um conhecimento mais integrado aos guias no repasse de informações aos visitantes que buscam uma alternativa de laser, contato com a natureza e aprendizagem ecológica.

Para a apresentação das informações vamos adotar o seguinte critério: identificação das principais trilhas do Jardim Botânico e suas respectivas estações, em que destacaremos os seguintes atributos para cada estação:

- Nome da trilha:
- Localização:
- Principais características da estação:
- Espécie destaque:
- Família da espécie:
- E nome científico da espécie:

2. OBJETIVO

Disponibilizar informações do geo-espaço de acesso ao Jardim Botânico da Mata do Buraquinho.

3. METODOLOGIA

Encaminhamos nossa pesquisa desenvolvendo três estratégias de levantamento de informação:

- Levantamento documental;
- Levantamento presencial;
- Levantamento bibliográfico.

Durante caminhadas de reconhecimento foram identificadas várias estações distribuídas ao longo das principais trilhas do jardim, utilizamos como critério, para a identificação dessas, elementos relacionados com a

história, a botânica e a ecologia, que permitem contribuir com o entendimento do ambiente e da necessidade de sua preservação.

Paralelamente ao reconhecimento das estações e trilhas, foram feitas as análises comparativas das espécies vegetais via pesquisas documentais sobre as espécies nativas do jardim. Descrições e informações sobre as mesmas foram obtidas posteriormente a partir de mais pesquisas bibliográficas.

4. JARDIM BOTÂNICO DA MATA DO BURAQUINHO

Um jardim botânico difere dos parques por possuírem coleções de plantas ordenadas, classificadas, devidamente registradas e documentadas; bem como por oferecerem ao público visitante informações sobre as espécies botânicas: suas origens, utilidades e curiosidades.

No entanto, jardins botânicos quando subordinados a políticas inadequadas de manejo degeneram-se muito rapidamente, até desaparecer ou ficar reduzido a um simples parque público. Dessa forma, atividades de manejo conflitante como caça, pesca, esportes, competições e recreações que não digam respeito ao contato e observação da natureza, são peculiaridades impraticáveis dentro da conjuntura de um jardim botânico voltado à pesquisa e contemplação.

No que diz respeito ao nosso local de pesquisa, em 1856 a Mata do Buraquinho, hoje Jardim Botânico, era chamada de Sítio Jaguaricumbe. O primeiro registro como terra possuída tinha um limite poente até o Palácio da Redenção (atual sede do Governo do Estado), atingindo os arredores da Lagoa do Parque Sólon de Lucena, o centro da cidade.

A área original sofreu grande redução devido a vendas e desapropriações até 1907, quando foi adquirida pelo Estado para iniciar os estudos de canalização de água feitos pela Companhia Parahyba Water Company.

Em 1951 foi executado o Acordo Florestal da Paraíba entre o Serviço Florestal e o Governo da Paraíba, em que estava prevista a criação de um Jardim Botânico, cujo objetivo principal era a produção de mudas e essências florestais. A inauguração ocorreu apenas em 1953. Em 1957, o Estado doou à União 166 hectares da área da Mata do Buraquinho para a implantação de um horto florestal.

Na década de setenta, parte dos 565 hectares que formavam a Mata do Buraquinho foi desmembrada para a construção do Campus I da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em 1989, através do Decreto Federal nº 98.181, os 471 hectares restantes foram declarados Área de Preservação Permanente, ficando sob a responsabilidade do IBAMA. Todavia, 305 hectares permaneceram sob a jurisdição da Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (CAGEPA).

Em 1996, o IBAMA apresentou uma proposta para transformação da Mata do Buraquinho em Jardim Botânico, com o objetivo de preservação da área e garantia do seu estudo, que não vingou.

Só em 2000, o Governo do Estado da Paraíba, chamou para si a responsabilidade de criação e implantação do Jardim Botânico de João Pessoa. Assim, em 28 de agosto de 2000 foi assinado o Decreto nº 21.264 de criação do referido Jardim Botânico, abrangendo uma área total de 343, hectares.

Junto à coordenação do jardim, os passeios são agendados previamente pelos lideres dos grupos de visitas e acompanhados por guardas florestais, visando à conservação da mata e segurança das pessoas.

5. IDENTIFICAÇÃO DAS TRILHAS DE ACESSO

Durante caminhadas de reconhecimento, selecionamos as principais estações distribuídas ao longo das trilhas do Rio e da Preguiça, utilizamos como critério, elementos principalmente relacionados com a história, botânica e ecologia, contribuindo para o entendimento do ambiente e da necessidade de sua preservação.

5.1 Trilha do Rio Jaguaribe

Com uma extensão de aproximadamente 300 m sobre a Barragem de Buraquinho, esta formação conduz o visitante para o início das outras trilhas, dando-lhe a chance de testar seu preparo físico para as caminhadas maiores (subseqüentes), além de propiciar uma emocionante visão da Mata Atlântica em sua plenitude e exuberância.

A Trilha do Rio interliga as duas margens do Rio Jaguaribe, contendo dois sangradouros e um talude de barro batido com sifão para descarga. Data de 1939 o início da construção da barragem, objetivando a recarga do lençol freático (aqüífero), como decorrência da necessidade de reforçar a oferta de água potável para o abastecimento da cidade.

Segundo Gadelha Neto (2004), quando das escavações e alargamento do leito do rio, foi deixada uma espécie de ilha com a finalidade de interceptar a correnteza do rio, evitando que o talude recebesse o impacto das águas correntes. Atualmente, o local constitui um território livre para a fauna silvestre, bem como um refúgio para desova de jacarés.

5.1.1 Estação do Sombreiro

Predominam árvores empregadas na arborização urbana, essas alcançam tamanho médio, produzindo boa sombra, além de enfeitarem o ambiente em virtude de suas bonitas e magnas flores roxas azulado. São facilmente disseminadas pelas sementes, que germinam otimamente, e de crescimento bastante rápido.

Localização: Primeira parte do percurso do rio
Espécie destaque: Sombreiro
Família da espécie: Fabaceae.
E nome científico da espécie: Clitoria fairchildiana Howard

5.1.2 Estação Mamona

Arbusto ou arvoreta de 4 a 5m de altura, vulgarmente conhecida pelos nomes de "mamona" ou "carrapateira", este último devido ao aspecto de sua semente que lembra um carrapato. Ocorre em todo o Brasil sob forma espontânea, em lugares abertos e de solo fértil. Possui folhas simples, palmadas com margens duplamente serreadas.

Os frutos são tricocas, deiscentes, extremamente muricados, sendo tóxico para o gado. Planta universalmente conhecida como produtora do não menos célebre óleo de rícino. Este óleo, outrora mais importante por suas propriedades purgativas, encontra-se hoje em aplicação na indústria, pelo fato de manter a viscosidade mesmo a altas temperaturas.

Localização: Segunda parte do percurso do rio
Espécie destaque: Mamona
Família: Euphorbiaceae
Nome científico: *Ricinus communis* L.

5.1.3 Estação da Urtiga Branca

Entre as várias plantas urticantes do Brasil, destaca-se a urtiga branca. Trata-se de um subarbusto perene de 1 a 2 m de altura, de flores pequenas e brancas, possui pelos urticantes perfurados como uma agulha de injeção. Ao toque, penetram na pele de um animal injetando uma substância (histamina) que produz irritação (urticária) em grau maior ou menor conforme a sensibilidade do indivíduo, chegando a provocar inchação, ferimentos, bem como produção de um prurido insuportável no local de contato. Na medicina caseira (fitoterapia) utiliza-se o chá ou a garrafada de suas raízes como anti-inflamatório.

Localização: Terceira parte do percurso do rio
Espécie destaque: Urtiga Branca
Família: Euphorbiaceae
Nome Científico: *Cnidoscolus urens* Arthur

5.1.4 Estação do Bambu

Os bambus são monocotiledôneas típicas. Seus caules do tipo colmo, apresentam-se divididos em porções bem marcantes denominadas entrenós, separados por regiões anelares conhecidas por nós. Sendo destas últimas que saem as folhas. Esses caules apresentam-se cilíndricos e pouco espessos.

Há muito tempo que o homem vem utilizando o bambu para os mais diversos fins, seja para fabricação de brinquedos, seja para construções rústicas, tais como: cercas, telhados, utensílios domésticos, bem como na ornamentação pública, em virtude de suas copas ramosas, amplas e recurvadas, dando-lhes um aspecto singular. Grande beleza, também, procede dos sons de suas folhas abaladas pela passagem dos ventos.

Localização: Quarta parte do percurso do rio
Espécie destaque: Bambu
Família: Poaceae
Nome científico: *Bambusa vulgaris* Schrad. ex Wendl.

5.1.5 Estação do Malvarisco

Predomina arbusto de folhas simples, alterna, inteira, com inflorescência em espigas e de frutos drupáceos, sendo freqüentemente encontrada na literatura com o nome vernacular de pimenta d'arda. Suas inflorescências por serem dotadas de sabor, são empregadas como condimento na culinária, para tornar os alimentos mais apetitivos.

Localização: Quinta parte do percurso do rio
Espécie destaque: Malvarisco
Família: Piperaceae
Nome científico: *Piper marginatum* Jacq.

5.1.6 Estação da Mutamba

Predomina árvore de tamanho regular, com folhas de margens denteadas contendo, em ambas as faces, revestimento de pêlos estrelados sobre as nervuras principais. Essas, quando velhas, tornam-se glabras (sem pelos).

As flores são pequenas, alvas, de pétalas eretas. Os frutos são comestíveis para o gado. Fornece madeira branca, pouco compacta, que serve para caixotaria, fabrico de coronha de armas, bem como para produção de pasta para confecção do papel. O líber dá belas fibras, que por serem muito resistentes, são empregadas na cordoaria e mesmo para tecidos. O decoto da casca é adstringente e depurativo, usado na medicina caseira contra a sífilis e as moléstias da pele. Utiliza-se também contra a queda dos cabelos e as afecções parasitárias do couro cabeludo.

Localização: Sexta parte do percurso do rio
Espécie destaque: Mutamba
Família: Sterculiaceae
Nome científico: *Guazuma ulmifolia Lam.*

5.1.7 Estação da Cobiúba

Esta notável árvore de tamanho regular, que alcança até 13 metros, possui folhas compostas, flores pequenas, verde amareladas, dispostas em panículas laterais. Os frutos, uma pequena drupa ovóide, são muito procurados por pombos silvestres. Este fato também lhe confere a denominação de pau pombo, embora copiúba ou copaíba sejam denominações mais freqüentes. Sua Madeira dura é particularmente recomendável para carpintaria e construção naval.

Localização: Sétima parte do percurso do rio
Espécie destaque: Cobiúba
Fmília: Anacardiaceae
Nome científico*: Tapirira guianensis Aubl.*

5.1.8 Estação do Cajazeiro

Vulgarmente conhecida como taperebá na Amazônia e cajá no Nordeste, vem a ser uma árvore grande e frondosa podendo atingir até 25m de altura. Possui uma casca quase sempre acinzentada ou brancacenta, espessa e bastante fendida. Fornece madeira fácil de ser trabalhada em marcenaria, carpintaria, marchetaria, bem como para canoas. Suas flores aromáticas estão dispostas em panículas terminais.

O fruto de cor amarela contém uma polpa resinosa comestível e saudável, muito estimada para refrescos, sorvetes, licores e própria para a confecção de doces e principalmente geléias. As folhas são alimentos prediletos de bichos da seda, úteis contra a prisão de ventre, dores do estômago e certas enfermidades dos olhos e da laringe.

Localização: Oitava parte do percurso do rio
Espécie destaque: Cajazeiro
Família: Anacardiaceae
Nome científico: *Spondias mombin L.*

5.1.9 Estação das trepadeiras

Uma das características mais impressionantes de uma floresta tropical é a abundância de plantas trepadeiras. Como não conseguem se manter eretas, agarram-se a pontos de apoio (caules, troncos, galhos e até nas folhas de outras plantas) enrolando-se de ramo em ramo e prendendo-se preferencialmente nas copas das árvores à procura da luz. Uma vez no alto, desenvolvem muitos ramos que sustentam folhas e flores enfeitando as altas árvores da mata.

Em grande número e emaranhados de trepadeiras também acabam por sufocar tronco e folhas da planta hospedeira, cortando-lhe a fonte energética dos raios de sol, enfraquecendo a árvore pouco a pouco.

Localização: Nona parte do percurso do rio
Espécie destaque: Trepadeiras
Fmília: Viscaceae
Nome científico: *Phoradendron strongyloclados Eichl.*

5.1.10 Estação do cajueiro

Cresce espontaneamente em quase todos os solos secos em muitas regiões da costa norte e nordeste do país, esta pequena árvore em geral mostra um tronco tortuoso e esgalhado, provida de folhas glabras, rosa quando jovens. Suas flores pequenas, avermelhadas ou purpurinas são melíferas.

O pedúnculo floral super desenvolvido e suculento (pseudofruto) é geralmente confundido com o fruto, quando na verdade a castanha afixada àquele, constitui o verdadeiro fruto. Os pseudofrutos são muito consumidos na forma de sucos e doces caseiros em todo o país e o fruto (castanha), de cuja casca se extrai um óleo industrial, é bastante popular e exportado para quase todo o mundo. A madeira é apropriada para a construção civil, serviços de torno, marcenaria e carpintaria, confecção de cabos de ferramentas agrícolas, cepas de tamancos e caixotes.

Localização: Décima parte do percurso do rio
Espécie destaque: Cajueiro
Família: Anacardiaceae
Nome científico: *Anacardium occidentale* L.

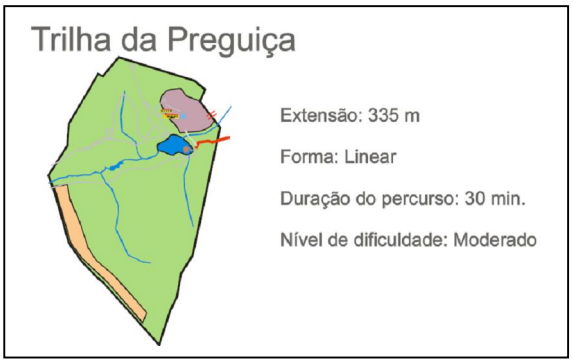
5.1.11 Estação do Largo das Mangueiras

Dotada de uma beleza cênica singular, o largo das mangueiras constitui um ponto de parada obrigatória para o caminhante deixar-se envolver pelo frescor e pelo verde mais denso, estimulando a imaginação e a contemplação. Essa estação é formada por vários exemplares de mangueiras. O local constitui um dos marcos mais visitados em decorrência de seus próprios encantos.

Analisando os registros históricos, bem como o porte destes espécimes (mangueiras), é possível imaginar a existência de um antigo pomar, que na realidade simboliza um testemunho dos antigos sítios existentes, agregados aos domínios da Mata do Buraquinho.

Localização: Décima primeira parte do percurso do rio
Espécie destaque: Magueira
Família: Anacardiaceae
Nome científico: *Mangifera indica L.*

5.2 Trilha da Preguiça



Trata-se de um cenário patrocinado por visitas esporádicas do mais ilustre e cativante animal da fauna local: o bicho preguiça. Além do mais, consiste numa trilha interativa de aproximadamente 290 m, formada por essências florestais amplamente dispersas bem como pelos próprios poços Amazonas que são utilizados como recurso de orientação espacial e visual.

A singularidade desta trilha desdobra-se em duas partes. A primeira tem como finalidade, instruir e orientar estudantes/visitantes acerca da educação ambiental através dos espécimes e elementos da natureza presentes no local. A segunda, marcada por um estreitamento, constitui uma área "restrita" à pesquisa, cuja flora revela-se sem timidez em pleno contexto, estimulando a contemplação.

5.2.1 Estação do Dendezeiro

Trata-se possivelmente da mais importante palmeira fornecedora de óleo do mundo. No Brasil é conhecida por toda a parte como dendezeiro e o seu produto como azeite de dendê. Ocorre, além do Nordeste, onde é mais comum, nos estados de São Paulo, Espírito Santo e na região Norte, em plantações extensivas voltadas para obtenção de óleo da polpa e amêndoa, destinado à culinária e nas múltiplas aplicações industriais, como por exemplo, na produção de sabonetes e margarinas.

Localização: Primeira parte do percurso da preguiça
Espécie destaque: Dendezeiro
Família: Arecaceae
Nome científico: *Elaeis guineensis N.J. Jacquin*

5.2.2 Estação do Embaúba

Embaúba é uma das plantas originárias da zona tropical do continente americano. Considera-se como uma espécie pioneira, característica de matas em processo de regeneração, ocorrendo em bordas e clareiras, tendo preferência pelos locais ensolarados, sendo rara no interior de matas fechadas. Seus galhos e caule aparecem semelhantes aos do bambu. Os galhos, compridos, crescem paralelamente ao solo, porém levemente inclinados para cima. Diversos cachos de flores miúdas formando uma espiga embelezam cada galho. Flores masculinas e femininas se abrem em diferentes pés, ou seja, a planta é dióica.

Localização: Segunda parte do percurso da preguiça
Espécie: Embaúba
Família: Cecropiaceae
Nome científico: *Cecropia sp.*

5.2.3 Estação do Pau Paraíba

Luxuriosas vegetações aparecem onde houver luz suficiente. Na orla da trilha, forrando o solo humoso, vegeta um grande número tanto de espécies quanto de indivíduos de plantas herbáceas, de alto valor ornamental.

As paqueviras situam-se entre as mais comuns. Nas comunidades humanas encontram-se tomando lugar de destaque em jardinagens, floriculturas e paisagismo. As flores são pequenas em relação ao resto do vegetal e pouco atraentes, sobre as quais se inserem grandes brácteas (folhas modificadas) vistosas, côncavas (para conter as flores) de coloração vermelho-alaranjada, que podem substituir a corola, como elemento de atração de polinizadores.

Localização: Terceira parte do percurso da preguiça
Espécie: Pau Paraíba
Família: Heliconiaceae
Nome científico: *Heliconia psittacorum* L.f.

5.2.4 Estação do Vassourinho

Muitas são as leguminosas arbóreas presentes na área do Jardim Botânico, sobretudo as que conferem um aspecto todo especial à vegetação pela peregrina beleza dos seus caules e ramos. Nesse contexto, convém incluir a vassourinha como de magna beleza ornamental, em virtude do próprio tronco possuir um aspecto deslumbrante, pela viva coloração marrom-avermelhada.

Localização: Quarta parte do percurso da preguiça
Espécie: Vassourinho
Família: Mimosaceae
Nome científico: *Macrosamanea pedicellaris (DC.) Kleinh.*

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos, com este trabalho informativo, contribuir com aqueles que vão até o Jardim Botânico em busca de toda a paz que uma reserva natural urbana pode proporcionar. Uma vez que estamos dispondo informações detalhadas sobre 15 estações de acesso contemplativo, em que foram considerados os seguintes critérios:

Nome: das duas principais trilhas;
Localização: localização informativa e geográfica em um mapa temático das trilhas;
Espécie: espécie dominante em cada estação;
Característica: uma descrição das espécies encontradas;
Família: família a que pertence a espécie
Nome científico*:* o nome científico das espécies encontradas na estação.

Com essa orientação precisa sobre as principais estações do Jardim Botânico de João Pessoa ficará mais fácil aos guias de visitação fazerem seus planejamentos de acesso ao local, mas principalmente, dispor das informações básicas para que as visitas sejam feitas de forma organizada, portanto, sustentável.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. R.; FALCÃO, A. H. G. **Jardim Botânico de João Pessoa:** plano diretor. João Pessoa: JBBM, 2000.

BRUMMIT, R. K. & POWELL, C. E. **Authors of Plant Names**. Royal Botanic Gardns, Kew, 1992.

BURNIE, D. **Árvores:** descubra o fascinante mundo das árvores – sua estrutura, variedade e ciclo de vida, desde as sementes até as gigantes da floresta. Rio de Janeiro: Globo, 1999.

CORREA, M. P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1984.

CRISANTO, A. A. **A agonia do Jaguaribe**. O Norte, João Pessoa, 11 ago 2002.

CRONQUIST, A. **An integrated system of classification of flowering plants**. New York : Columbia University Press, 981.

DIAS, E. S. et al. **Nos jardins submersos da bodoquena:** guia para identificação de plantas aquáticas de Bonito e região. Campo Grande : UFMS, 1989.

FERRI, M. G.; MENEZES, N. L.; MONTEIRO, W. R. 2001. **Glossário ilustrado de botânica**. São Paulo : Nobel. 197p.

GADELHA NETO, Pedro da Costa**.** Interpretação preliminar das estações educativas das trilhas do Rio da Preguiça. João Pessoa: Jardim Botânico Benjamim Maranhão, 2004.

_____. Noções gerais sobre jardins botânicos. João Pessoa: Jardim Botânico Benjamim Maranhão, 2005.

GUIZZO, J. **Plantas**. São Paulo : Ática, 1994.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras:** manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa : Plantarum, 1992.

_____. **Palmeiras no Brasil:** nativas e exóticas. Nova Odessa: Plantarum, 1996.

SUDEMA, Jardim botânico de João Pessoa. Disponível em: <www.sudema. pb. gov.br/jbpb/hist.html> acessado em: 20 de jun. 2008.